

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Departamento de História da Pontifícia

Universidade Católica de Campinas

ANO XV — Nº 112

ISSN 0101-4919

OUT./DEZ./1983

ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

Odilon Nogueira de Matos

O corrente ano assinala o cinquentenário de uma das mais importantes instituições universitárias da capital paulista: a Escola de Sociologia e Política. Fundada num dos momentos mais significativos e difíceis da vida de São Paulo, qual aquele que se seguiu à Revolução Constitucionalista de 1932, originou-se a iniciativa do exame a que foram levados elementos do escol paulista, impressionados com o malogro das tentativas de reorganização da vida econômica e política do País. Após terem os seus idealizadores examinado os vários fatores determinantes de funestas e repetidas decepções, chegaram à conclusão de que faltavam ao Brasil instituições que disseminassem os conhecimentos indispensáveis aos elementos interessados em cooperar com os órgãos da administração pública no estudo e solução dos problemas nacionais. Desse exame é que nasceu a idéia de se fundar um centro de estudos e pesquisas, organizado nos moldes de institutos educacionais europeus e americanos, e destinado a proporcionar, através do ensino e da pesquisa, conhecimentos objetivos sobre a origem, funções e necessidades do meio social brasileiro; a preparar e treinar cientistas que desenvolvam as ciências sociais no Brasil e prossigam, em nível cada vez mais alto, o ensino e pesquisa na

própria escola; a preparar técnicos, pesquisadores e especialistas, que emprestem colaboração consciente e eficaz à administração, pública ou particular, e líderes que desempenhem papel de destaque, orientando o povo e a nação, nos reajustamentos que as mudanças sociais da vida moderna impõem à sociedade ocidental.

Pretendia ser, assim, uma escola de “altos estudos”, e esta sua característica fez com que, nos primeiros anos, seus alunos, com raras exceções, fossem todos elementos já formados por outras escolas — médicos, engenheiros, advogados etc. — que, nas aulas noturnas (então uma novidade no ensino paulistano) iam buscar a complementação julgada necessária às suas tarefas. Este caráter de “altos estudos”, a tradicional Escola só o perdeu quando obrigada a adaptar-se aos padrões federais vigentes para os cursos de Ciências Sociais das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, que, às dezenas, começavam a se espalhar pelo País. Nossos órgãos superiores de ensino não têm, até hoje, um modelo para as chamadas escolas de “altos estudos”, tão comuns na Europa e nos Estados Unidos. E como nenhum estabelecimento de ensino pode funcionar “livremente”, isto é, como liberdade de organizar seu próprio currículo sem atender aos mínimos exigidos pelo Ministério da Educação, a outrora Escola “Livre” de Sociologia e Política de São Paulo transformou-se num curso de Ciências Sociais, sempre de muito bom nível, diga-se de passagem, mas sem aquelas características que marcaram os primeiros anos de sua existência.

Todavia, cumpre lembrar, neste ano de seu cinquentenário, que a Escola de Sociologia e Política de São Paulo assinalou a vida cultural paulista e brasileira em geral, com uma série de atitudes pioneiras que muito contribuíram não só para o seu próprio desenvolvimento, como também para o engrandecimento da cultura brasileira. Antecipando de um ano à fundação da própria Universidade de São Paulo, foi ela, portanto, a pioneira no ensino das ciências sociais em nosso País, numa época em que a Sociologia, entre nós, contava apenas com algumas iniciativas avulsas e amadorísticas ou então restritas à área da Educação, na qual pontificavam nomes respeitáveis tais como os de Delgado de Carvalho, Fernando de Azevedo e Carneiro Leão.

O fato de não ter sido, em sua origem, uma escola profissionalizante, fê-la voltar-se mais para a pesquisa que para a formação profissional, o que representou, sem dúvida, uma novidade no meio intelectual paulista da época. Isto, em grande parte, se deveu à contribuição de professores estrangeiros por ela contratados, no que também se antecipou a qualquer outra entidade universitária brasileira, na área das chamadas “ciências humanas”. Com efeito, no mesmo ano de sua fundação, chegavam a São Paulo os sociólogos americanos Davies e Lowrie. Davies pouco

ficou entre nós, mas Lowrie aqui permaneceu por vários anos e foi, pode dizer-se, o mentor das primeiras pesquisas e trabalhos de campo realizados no Brasil na área das ciências sociais. Pouco depois vinham o inglês Radcliff Brown e o americano Donald Pierson, os quais, juntamente com Roger Bastide na Universidade de São Paulo, foram os responsáveis pela verdadeira “escola sociológica paulista”, que desde logo se firmou no panorama cultural do País e até com projeção internacional.

Mas, há, ainda, outro pioneirismo que me apraz registrar: foi a Escola de Sociologia e Política de São Paulo a primeira entidade a criar, em nível superior, uma cadeira de História Econômica do Brasil, regida nos primeiros tempos por Roberto Simonsen (aliás, um dos fundadores da Escola) e que, após o afastamento do ilustre homem público, atraído cada vez mais pela política (faleceu como Senador da República), veio a ser ocupada, com muita honra, pelo autor desta nota.

Os que conhecem o clássico livro de Simonsen, publicado pela primeira vez em 1937, sabem que ele foi preparado precisamente para os cursos da Escola de Sociologia e Política, que teve, assim, seu nome vinculado a uma das grandes obras da historiografia brasileira. Esta cadeira pioneira, que chegou mesmo a ser batizada de “Cadeira Roberto Simonsen”, acabou desaparecendo com as reformas a que a Escola foi obrigada a submeter-se para efeito de enquadramento aos padrões federais. Mas seu pioneirismo não poderá ser omitido quando se fizer uma história do ensino da História em nosso País.

Caberia, ainda, lembrar duas importantes iniciativas da Escola de Sociologia e Política: foi ela a primeira entidade cultural brasileira a editar uma revista especializada na área dos estudos sociais, denominada simplesmente **Sociologia**. Deveu-se a criação desta revista aos professores Emilio Willems (atualmente nos Estados Unidos) e ao saudoso Antenor Romano Barreto, mas foi logo em seu início encampada pela Escola de Sociologia. Revista de repercussão internacional, voltou novamente a circular no ano passado, depois de uma longa interrupção. Outra iniciativa não menos valiosa foi a Escola de Biblioteconomia, a primeira do Brasil, embora não seja uma criação da Escola. Foi ela fundada por iniciativa de Rubens Borba de Moraes quando diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo (a atual Biblioteca Mário de Andrade), sob os auspícios do Departamento de Cultura da Municipalidade, criado ao tempo em que Fábio Prado foi prefeito da Capital e dirigido, nos seus primeiros tempos, por Mário de Andrade. Não tendo condições de manter a Escola de Biblioteconomia como instituição isolada, interessou-se por ela a Escola de Sociologia e Política, que a encampou, constituindo, até hoje, um dos seus mais importantes departamentos. Escola pioneira, que serviu de modelo a inúmeras outras escolas de biblioteconomia espalhadas pelo País, a primeira das quais, se a memória não me falha foi a de Campinas, integrante de nossa Universidade Católica.

Gostaria de recordar alguns dos nomes significativos que passaram pela Escola de Sociologia e Política neste meio século e que formam verdadeira constelação, embora corra o risco desagradável de imperdoáveis omissões: Antônio Carlos Pacheco e Silva (o único sobrevivente do grupo inicial), André Dreyfus, Cyro Berlinck, Roberto Simonsen, Jorge Americano, Roberto Mange, Tácito de Almeida, Antônio Piccarolo, Raul Briquet, Walter Leser, os já citados Horace Davies, Samuel Lowrie, Radcliff-Brown e Donald Pierson, e mais Herbert Baldus, Emílio Willems, Mário Wagner Vieira da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda, Murilo Mendes, Olga Pantaleão, Noemy da Silveira Rudolfer, Bruno Rudolfer, Betti Katzentstein, Virgínia Bicudo, Durval Marcondes, Anibal da Silveira, Alexandre Kafka, Kalervo Oberg, Alceu Maynard Araújo, Juarez Brandão Lopes, Hiroshi Saito, Vicente Marota Rangel, Vicente Unzer de Almeida, Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci, Alfonso Trujillo Ferrari, A. Delorenzo Netto, Cícero Cristiano de Souza, Nice Lecocq Müller, Reynaldo Carneiro Pessoa, Orestes Gonçalves, Oracy Nogueira... Muitos já falecidos, mas cujos nomes permanecem sempre lembrados pela Escola e pela terra paulista. E, para encerrar, uma referência especial ao Professor Antônio Rubbo Müller, que constitui como quê um traço-de-união entre os fundadores e a Escola de hoje, pois ingressando nela como aluno da primeira turma, nela permanece até hoje, devendo-se-lhe a criação da "Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais", que tão grandes serviços tem prestado à cultura paulista e brasileira em geral, e bastante reconhecida, inclusive no exterior.

Esta publicação, cujo responsável integrou por mais de quinze anos o quadro docente da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, rejubila-se com a tradicional entidade neste ano de seu cinquentenário.

*